

O ELMO

O ÚLTIMO MELLION - LIVRO II
PEDRO LUÍS CARDOSO



Título Original: O Elmo – O Último Mellion
Autor: Pedro Luís Cardoso
Copyright © Editora Nova Geração & Pedro Luís Cardoso

Coordenação Editorial: Tânia Roberto
Edição: Tânia Roberto
Revisão: Rita Félix e Ana Domingues
Paginação: Tânia Roberto
Ilustração: © Único Dela
Capa: Rafaela Silva
1ª Edição: abril de 2026
Acabamento/Impressão: NPrint

© 2026

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal:

ISBN: 978-989-3625-22-4

editora
**nova
ger**



À minha mãe, por me ensinar que o altruísmo e a humildade são as
melhores armas que podemos empunhar.



Nota do Autor

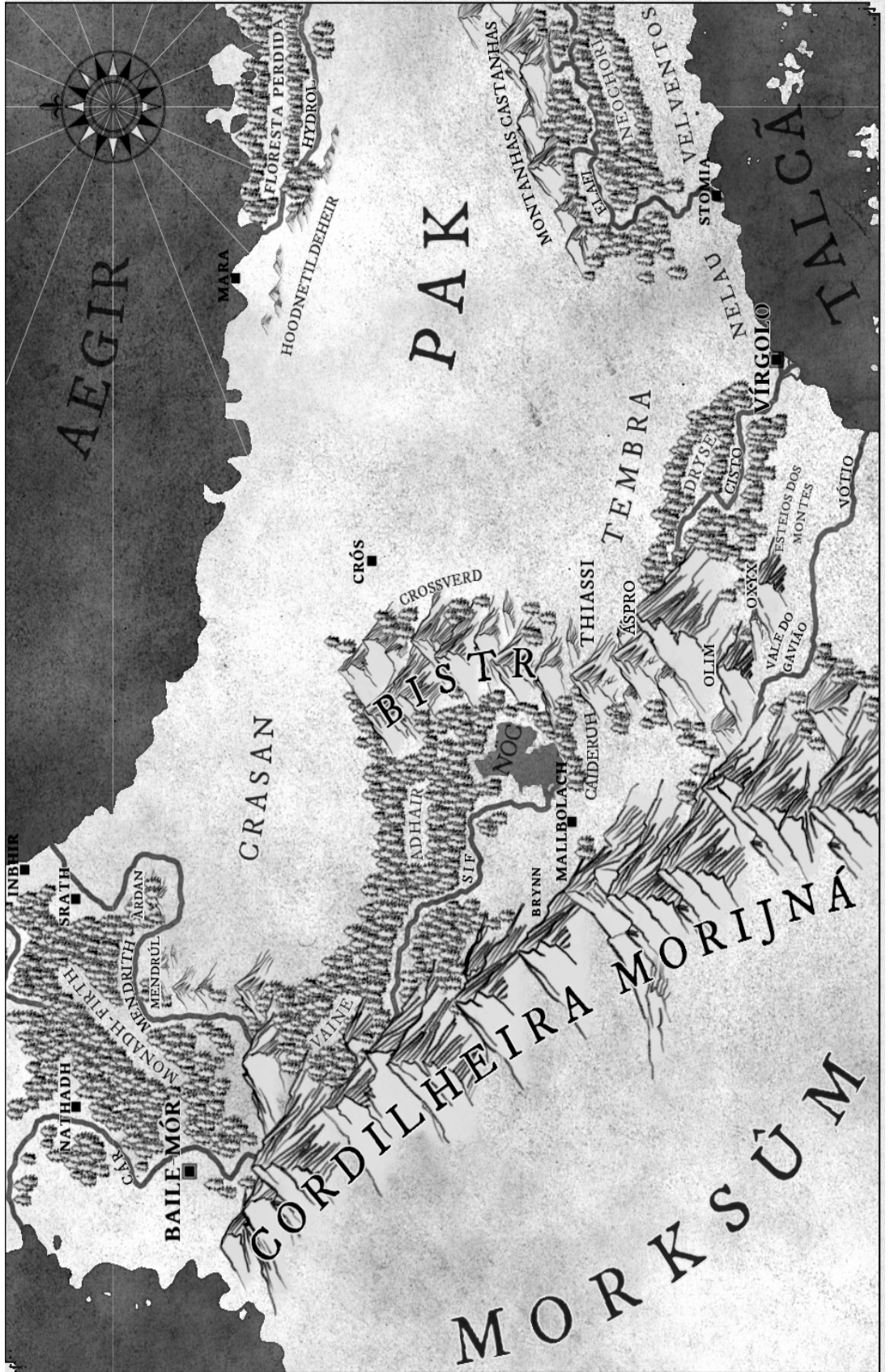
Alguns nomes utilizados nesta história foram traduzidos porque, na sua língua original, têm o mesmo significado literal que utilizamos em português. São exemplo «Montanhas Castanhas», «Esteios dos Montes», «Vale do Gavião», etc.

Outros nomes não têm uma tradução direta, mas o autor optou por lhes dar uma interpretação com base etimológica na sua língua antiga. Um exemplo «Fearg Pak — a Fúria de Pak», entre outros.

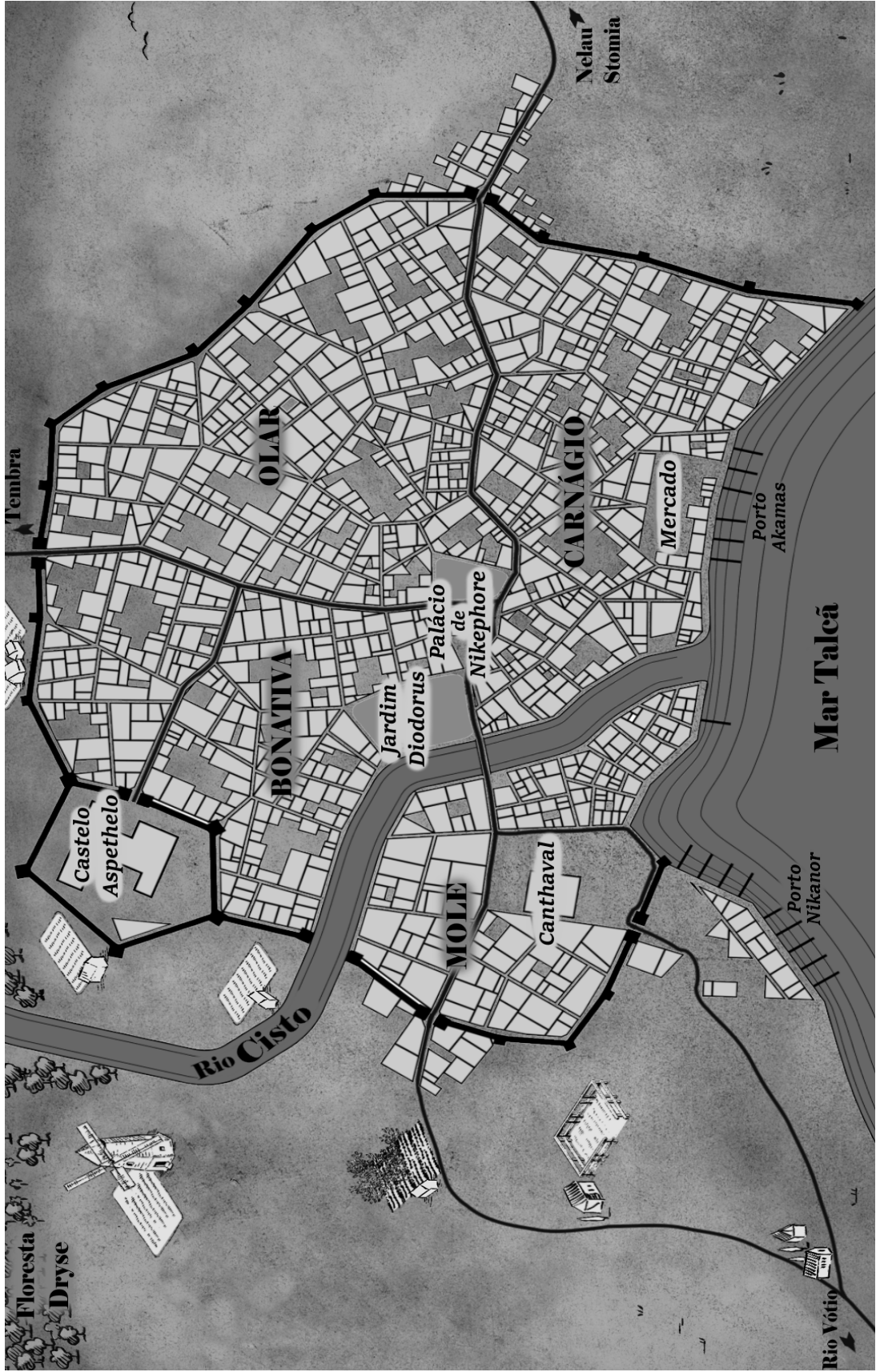
Por último, existem nomes cuja forma se manteve na língua original neste texto devido à impossibilidade de serem traduzidos. São exemplo «Thiassi», «Vírgolo», «Aspethelo», «Bandía», etc.

Como auxiliar de memória para o leitor, os termos traduzidos e outros nomes de Asterend encontram-se elencados num glossário apresentado no final do livro.













O Elmo

O ÚLTIMO MELLION

- Uma história de Asterend -





A incursão da Treva



XVI

A invocação



*Vinde irmãos, filhos da terra,
Lembraí o rugir do Leão!
Trazei escudo e lança na mão,
Por mar e céu, por vale e serra.
Uni-vos sob uma mesma voz,
A voz que acorda e alevanta!
Soldados daquela nação santa,
Ontem nossos pais, hoje nós!
Por Lazarina! Lazarina!
E nossa signa! Nossa signa!
Por Nicodemus! Nicodemus!
Lutaremos! Morreremos!
Sobre as terras sangue impuro
Dos bárbaros e dos selvagens.
Nossa bandeira em suas paragens
Será como tocha em antro escuro.
Seus corpos arderão em fogueiras,
Pois os gentios não têm sepulcro.
Sem piedade da escória sem fulcro
Serão memórias inglórias em sátiras.
Por Lazarina! Lazarina!
E nossa signa! Nossa signa!
Por Nicodemus! Nicodemus!
Lutaremos! Morreremos!
E quando regressarmos da peleja,
Sob cânticos e muitas ovações,
Nossas mulheres em nossos corações
Nos farão tudo o que a alma deseja.*

*E haverá carne e haverá vinho!
Para os que de espírito belo e franco
Defenderam a glória do Castelo Branco!
Assim exultai! E cantai este cântico,
E irmão, jamais estarás sozinho!
Por Lazarina! Lazarina!
E nossa signa! Nossa signa!
Por Nicodemus! Nicodemus!
Lutaremos! Morreremos!*

Enquanto gozavam de uma fogueira salutar junto às margens do Vótio, os homens de Trassus cantavam com toda a força dos seus pulmões mais uma das canções de batalha típicas de Vírgolo.

A brigada havia partido há muitos dias com o objetivo de ajudar no combate aos bárbaros que desciam repetidamente das montanhas ocidentais. Insurgências como aquelas haviam-se tornado frequentes e, por vezes demais, se requisitava a ajuda da Casa de Nypsilós para as conter. Mas naquela hora noturna, os soldados da cidade do Castelo Branco aproveitavam para descansar. Afinal de contas, a sua campanha estava cumprida. Os sobreviventes estiravam-se ao longo da estrada, prorrogando o real regresso à sua terra natal. Acampavam há algumas noites nos ermos, uns quilómetros a leste das aldeias limítrofes, e nem o ar fresco trazido pelo vento de oeste parecia instigá-los a seguir para suas casas.

Entre os vários soldados e cavaleiros, na companhia de Trassus seguia também o seu irmão, Élpida. O jovem entretinha-se mais com os jogos de azar, comumente decididos com o lançamento dos dados, do que propriamente com as glórias arrancadas no campo de batalha. Ainda de tenra idade, o jovem Élpida sorria muitas vezes. Encantava-se por se ver rodeado de homens mais velhos. Esses costumavam ter mais vontade de mostrar ao príncipe as artimanhas do jogo. Naquele momento, os soldados estavam a disputar pelos despojos da guerra. Ninharias, na verdade, quando comparados às riquezas que revestiam os salões senhoriais do Aspethelo. Pouco mais eram do que cacos e trapos inúteis. Mas Élpida encantava-se acima de tudo com os jogos, mais do que com os prémios ou a música que soava pelo acampamento. Na sua face arredondada, imberbe e alienada, dois curiosos olhos verdes agitavam-se enquanto perseguiam os dados que giravam sobre o tampo de um dos tabuleiros. E a sua imaginação agitava-se ao sabor dos trambolhões da sorte.

Por sua vez, Trassus entretinha-se a beber o merecido vinho pela caneca alta; e várias mulheres, que os Homnis haviam conquistado nas terras

fronteiriças, circundavam-no com olhares sedutores e toques sugestivos. Elas não lhe pertenciam, ainda. Na verdade, pertenciam aos soldados vitoriosos, uma vez que seus antigos donos estavam agora falecidos nos campos de batalha. Esquecidos pelo mundo, mas não por quem os amou. No entanto, essas tais mulheres não se viam como meras recompensas ou moedas de troca. Elas eram melhores do que isso e sabiam que viver na cidade do Castelo Branco, ao lado de um cavaleiro da Ordem da Cocatriz, era a garantia de uma vida folgada e pecuniosa. Em parte, era também sua a escolha de darem a mão a quem entendiam. E o afago interesseiro sobre o ombro deste ou daquele fidalgo nada mais era do que uma estratégia para assegurar uma amizade importante ou um casamento frutuoso. Um investimento num futuro de sucesso.

Assim, e completamente ignorante de tais ardis, Trassus já havia escolhido a sua companhia preferida de entre o sortido de mulheres. Estava então na hora de aproveitar e retirar-se cedo para a sua tenda.

— Podes ficar de vigia com os soldados, Élpida — disse ele, em tom de despedida. — Mais logo venho-te render.

Qualquer resposta era inútil. Élpida sabia que em campanha as palavras do irmão eram voz da autoridade. Por isso anuiu simplesmente, meio surdo, meio obsequioso, e devolveu a atenção para os dados lançados pelas mãos de um velho soldado.

A escuridão progrediu calma e silenciosamente pelos céus, e a imensidão da noite trouxe consigo uma lua crescente, qual lasca de prata sobre uma redoma coalhada de estrelas. Junto às águas do rio, do sítio onde os soldados da Ordem da Cocatriz campeavam, era impossível avistar o mar Talcã, mas, ainda assim, a mão da maresia estendia-se para ocidente, afagando com os gélidos dedos as tendas dos Homnis. Para sul, os contrafortes dos montes desapareciam nas sombras que tentavam engolir o luar. E os cumes meridionais da cordilheira Morijná, apontando seus picos para os céus em busca das estrelas, conduziam os olhares curiosos e sonhadores até ao firmamento. A norte adivinhava-se o pináculo do Oxyx, hasteando-se a leste do Vale do Gavião como um dente escuro. Mas a ocidente, elevando-se como muralha rochosa e infinita, uma fileira de montanhas impunha-se, sumptuosa e retorcida sobre si mesma, interrompendo assim o alcance da vista e desalentando o viço de todo o aventureiro. Para leste do acampamento, o campo descia por um vasto espaço ervedo. O prado guiava a corrente do rio Vótio, vagarosa e fielmente, até à sua foz. A vasta campina que ali existia era somente revestida, amiúde, por urzes, tojos, estevas e pedras dispersas. Esses eram os inquilinos daquela região sulista entre o rio e o mar. Havia também alguns animais, mas esses pareciam sempre estar apenas de passagem por

aquelas terras sem grande abrigo. Era comum verem-se guarda-rios e petinhas todo o ano. Mas nos compridos dias de verão, as andorinhas eram as rainhas do prado junto às montanhas. Acompanhavam-nas, se bem que em menor número, os tartaranhões que, com as suas garras e bicos curvados, caçavam pequenos bichos com voos rasantes. Entre as ervas no solo, lebres, musaranhos, ratos-do-campo e outros roedores escondiam-se como podiam das rapinas, e, aquando da chegada dos predadores alados, moviam-se sem medo para junto dos povoamentos dos Homnis. Por outro lado, os grandes mamíferos eram raramente avistados por quem escolhia passar o seu tempo perto do Vótio. Talvez fosse pela conjectura de todos esses fatores ecológicos, que as noites na margem do Vótio eram, em regra, bastante sossegadas.

Nem Trassus era capaz de interromper essa calma noturnal. Ele não cumprira a sua palavra. E assim, Élpida passara a noite ao relento, sem que o irmão o viesse render. Mas isso não o incomodava muito. Debaixo das mantas improvisadas, sob o brilho das constelações e junto dos bravos cavaleiros da Ordem, o jovem príncipe sentia-se mais adulto do que nunca. Encostado a uma rocha nua, Élpida dividira a noite entre a insónia e devaneios leves. Até que, com o dealbar da luz da aurora, seus olhos mostraram-lhe uns pontinhos isolados no cimo dos picos rochosos a noroeste. Havia uma névoa ominosa a envolver aqueles diminutos pormenores brilhantes. A neblina matinal conferia-lhes o aspeto de minúsculas esferas, aguçadas e flutuantes. Tal como órbitas atentas que espiavam Élpida desde muito longe. Afastando o sono que lhe enevoava a vista, o jovem esticou o pescoço, e, por entre os raios lilases do lusco-fusco, a sua fantasia esfumou-se, tal como um sonho que se perde naquele momento de hipnose onírica. Havia, de facto, um negrume que se assomava por detrás dos cumes dos montes a ocidente, mas já não havia sinais de quaisquer olhos sinistros. E Élpida conformou-se com a ideia de que tudo aquilo não passara de uma ilusão ou, quiçá, de um pesadelo mal despertado.

À medida que a aurora crescia, também os Homnis começaram a acordar pelo acampamento. Nessa altura, qual esperto veloz ou fogo-fátuo, surgiu vindo de norte um borrão que corria na linha do horizonte. O vulto cavalgava velozmente e não fazia tenção de ocultar o seu aspeto. Conforme se acercava, um sinistro contorno ia-se contrastando sobre o céu azul-escuro e o seu corpo foi ganhando forma. Tratava-se de um corcel infatigável e preto, que no dorso trazia um cavaleiro igualmente negro. Sua capa, presa junto ao pescoço graças a um rútilo gancho, esvoaçava ao sabor do vento. Com ele seguiam outros dois cavalos, selados e estribados, só que esses eram castanhos e não transportavam ninguém. Quando o cavaleiro se acercou o suficiente, os olhos de Élpida conseguiram enfim focar nos seus

traços: era um Homni alto, possante e de peito largo; tinha o cabelo da cor do breu, ondulado e oleoso, que pendia acompanhando as linhas de um forte maxilar reto e coberto por uma barba rala e gris. A pele do seu rosto empalidecido estava lavrada por cicatrizes inveteradas, quiçá procedentes de anosas façanhas; e o singular olho direito era escuro, enraizado e acutilante como o espinho de sarça silvestre.

— Chilsus! — disse Élpida, quando o recém-chegado se fez presente. — Que traz tão virtuoso Homni às fronteiras meridionais de Vírgolo? Trazeis conselho?

— Salve Élpida, bondoso benjamim — saudou-o Chilsus. — Creio que o motivo da minha vinda não se adequa à felicidade do vosso tom. Mas não sou eu quem tem de julgar o recado que trago, dado que, hoje visto apenas o traje de mero mensageiro. Quanto às funções de conselheiro, há dias que as deixei no Aspthelo.

Chilsus era um Homni de uma certa idade. Alguns cavaleiros, de simpatia mais ou menos duvidosa, diriam até que Chilsus se tratava de um homem com uma *idade avançada*. A verdade é que vários anos da sua vida haviam sido passados ao lado de Leíandros, com quem partilhara numerosas brincadeiras enquanto criança e memoráveis batalhas enquanto mancebo. E essas eram algumas das memórias que Chilsus recordava com maior satisfação. Mas o preço da idade deu-lhe como troco um espírito velho e viciado em esconder-se por detrás de um semblante cavado. E, naquela manhã, o seu rosto de singular olho nostálgico parecia ainda mais profundo do que o habitual.

— Por favor. Não faleis desse jeito tão misterioso, que me inquietais — suplicou-lhe Élpida, enquanto observava o cavaleiro a descer da sela.

— Não encontro outro jeito de falar — respondeu Chilsus. — Viajei o mais rápido que pude, pois há apenas dois dias parti da corte de vosso pai. Ele pediu-me que vos transmitisse, a vós e a vosso irmão, um recado urgente. Por falar nisso, onde está o príncipe Trassus?

— Na *nossa* tenda — replicou Élpida, enfadado. — Mas repousai agora um pouco. Imagino o vosso esgotamento! Deixai o recado para daqui a pouco e contai-me como têm passado os meus lá no Aspthelo. Comei connosco o pequeno-almoço. Assim como assim, o descanso fará bem às montadas também, não é verdade?

Com um sorriso resignado, o mensageiro acabou por aceitar o convite. Ofegantes, os três cavalos conduziram-se sozinhos até junto da margem do rio onde, sem cerimónias, se refastelaram sobre a erva entenrecida pela água.

A manhã convidava ao descanso e ao repasto. Corria apenas uma leve brisa que era bem-vinda, dado que, o sol matutino já queria morder a pele.

Momentos mais tarde, Trassus, maltrapilho e de cabelo desgrenhado, surgiu do interior da tenda; e num instante se surpreendeu por ver o conselheiro do seu pai sentado junto dos soldados. O príncipe Trassus envergava uma camisa de linho, comprida até às ancas, sobre umas ceroulas cor marrom, que, de tão curtas, lhe ficavam pelos joelhos. Descalço, a sua postura desmazelada revelava o grau de preocupação que tinha com o visual. Depois de cumprimentar, audivelmente, os seus guerreiros, Trassus juntou-se-lhes no pequeno-almoço e, surripiando uma fatia de toucinho de uma das sertãs, virou-se para Chilsus:

— Então, meu valente Homni, vieste de Vírgolo em busca de algo? Já há pouco do espólio para repescares.

Ignorante dos reais motivos do mensageiro, Trassus oferecia uma delicadeza escarnekedora. E essa displicência notava-se através dos pedaços de carne que escapavam projetados da sua boca em diferentes direções.

— Andamos aqui a festejar há já alguns dias — continuou. — Temos ouro e prata, animais e mulheres, armas e vestes, mas já está tudo mais do que remexido e escolhido. Quanto à carne e ao vinho, esses vamo-los comendo e bebendo antes que o tempo os azede ou algum animal os fane! Vê bem este arraial!

— Urra! Viva! Longa vida a Trassus!

Diversos braços ergueram-se bem alto, assim que os Homnis ouviram o seu capitão. E Trassus, sempre tão pronto a escutar palavras de aprovação, depressa os acompanhou com refrões e cantigas de vitórias.

Surpreso e orgulhoso do vigor do irmão mais velho, o olhar do jovem Élpida abrilhantou-se como esmeralda. Mas Chilsus, com seu único olho cravado no sucessor ao trono de Vírgolo, não se deixou mover pelo entusiasmo.

— Não esqueçais aqueles que até aqui não chegaram, caro Trassus — prontificou-se Chilsus. — Pois nenhuma vitória se obtém sem sacrifício. A guerra nada mais é do que uma permuta: hoje, algumas das vossas almas vencem a morte e testemunham mais um triunfo, mas amanhã, sob a vergasta do insucesso ou do azar, algum adversário substituir-vos-á.

» Por isso festejem, sim. Mas usem também o vosso tempo para fazer luto e lembrar os que se perderam para a terra. Só assim sua derradeira oferta não será vã.

— Bem-haja ao nosso pai! — bramiu Trassus, jactante. — Seguramente o Senhor de Vírgolo não encontraria homem mais alegre em toda Asterend para nos enviar nesta hora, não é assim meus irmãos?

Trassus ria-se com as suas palavras, aproveitando os intervalos entre a galhofa para empurrar bebida e comida pela goela. O príncipe mastigava

ruidosamente as tiras de toucinho, deixando a espuma bordô do vinho escorrer-lhe pelo queixo. Esse era o jeito de Trassus se mostrar impérvio aos pareceres dos anciões.

— Mas vamos lá então, — falou ele, enfim mais calmo, — descose essa boca, ó Homni de bom conselho. É tão certo como este vinho ser doce ou como esta carne ser salgada que não vieste aqui com o propósito de me dar lições de moral. Mas, e se francamente vieste aqui para desmoralizar os meus soldados, bem que podes regressar. Dito isto, e seja qual for a tua missão, cumpre-a rapidamente!

— Percebo — acatou Chilsus, com um suspiro. — Porém, não é com nenhuma dessas intenções que aqui estou hoje. Pois a humildade não se ensina ao presunçoso, e surdos são os ouvidos dos ociosos que se banqueteiam na ilusão do seu próprio sucesso.

— Basta! — berrou Trassus, pondo-se de pé num pulo. — Queres falar, então fala sem subterfúgios. Aqui quem dá as ordens sou eu: exijo que te expliques!

O olhar do príncipe flagrava como chamas agitadas por procelas iradas e o peito insuflava por cima da testa do velho Chilsus. Todavia, o experiente conselheiro não mexeu um músculo.

Os soldados observaram aquele duelo com um silêncio sepulcral. Tamanha era a ausência de som, que Élpida, sentado e imóvel, era capaz de ouvir o roçar da erva.

Passados uns instantes intermináveis, o mensageiro negro levantou-se, por fim, e Élpida levantou-se com ele.

— Não foi de livre vontade que vim — esclareceu Chilsus, calculando o tom da sua voz. — Fi-lo porque sua majestade, Leíandros Nypsilós IV, o Duro, me incumbiu de vos trazer o seguinte recado: O Senhor de Vírgolo exige que os seus filhos retornem ao Aspethelo o mais celeremente possível. Ordenou-me também que vos trouxesse dois cavalos, dado que, ele receava que os vossos se tivessem extraviado numa qualquer batalha ou escaramuça.

» Compreendei, o Senhor foi muito claro na sua mensagem, e imaculado de qualquer turvação foi o seu intento. E da mesma forma que foram para mim as suas palavras, apenas espero ter sido eu claro com as minhas.

— Transparentes como a água desse rio — ripostou Trassus, com uma nova mansidão no rosto. — Mas disse-me, Chilsus, qual o propósito do meu pai em querer que os príncipes de Vírgolo regressem a casa com tal urgência?

— Tal ele não me disse.

— Porventura ter-lhe-eis lido no tom algum desígnio? — indagou Élpida com a testa franzida.

— Que me recorde não, meu bom príncipe. Se bem que há poucos dias apareceu um sujeito duvidoso às portas do Aspethelo. Ele conferenciou noite dentro com vosso pai. Mas sobre o que eles discutiram nessas largas horas, Leíandros não partilhou comigo. Pelo hábito e pela cortesia desse Homni misterioso julgo tratar-se de um ancião de Canthaval, mas eu já não vou ao templo há muitos anos e esqueci o aspeto e os costumes das gentes de lá.

O olho de Chilsus boiava, ora para o chão ora para os rostos dos príncipes, como se vasculhasse no pensamento por memórias inalcançáveis.

A leste, o sol ainda subia vagarosamente, e os três Homnis demoravam-se durante o seu percurso, alimentando conversas junto do rio Vótio. A torrente reverberava com o fulgor do início do verão, e o vento suave de levante aflagava a face inexperiente de Élpida. Com a atenção possível, o jovem ponderou naquilo que Chilsus e Trassus discutiam. Ficou então combinado que os príncipes voariam de volta a casa, auxiliados por Celer e Inciatus — os mais magníficos e velozes corcéis que a cavalaria do Aspethelo pudera dispensar. Por sua vez, Chilsus encarregar-se-ia de comandar os soldados no regresso a Vírgolo.

Findada a conversa e acertados os pormenores, Trassus retirou-se para a sua tenda. Élpida, a conselho do irmão, reuniu os seus poucos pertences e com a ajuda de dois soldados montou-os nos arreios de Celer.

— Se nada vos opuser na estrada devem avistar a muralha de Vírgolo na manhã da noite depois da próxima — explicou Chilsus ao jovem, enquanto corrigia as amarras no cabresto. — Obriguem vossas montadas a cavalgar rápido e verão como elas não se cansarão antes de vocês. Têm aqui belíssimos animais que vos porão em casa num instante, se assim lhes for permitido. Sigam a direito pela estrada, tenho a certeza de que Trassus conhece bem o caminho.

Nesse momento, Trassus reapareceu vindo da tenda feito Homni novo. Vestia uma camisa de seda por debaixo de uma jaqueta assertoada em tons castanhos. Sobre os ombros, apertado no peito com uma corrente de ouro, pendurava-se uma capa azul-marinho acetinada. Seguras por um cinto cravejado com pedras preciosas estavam umas calças em couro, não muito justas, que lhe chegavam às orelhas das botas em pele. Amarrada ao seu flanco esquerdo pendia-se a sua arma embainhada. Orgulhoso, o símbolo da Ordem da Cocatriz reluzia uma vez mais, e à luz da manhã o olho rubi encastado na empunhadura da sua espada afogueava como labaredas vivas.

— Partamos lestos, então, Élpida — falou Trassus, com aspereza. — E a ti — continuou ele, dirigindo-se agora a Chilsus, — nada mais tenho para te dar além do meu agradecimento. De facto, nenhum dos poucos

cavalos que trouxemos de Vírgolo resistiu às machadadas dos bárbaros, por isso, mais do que bem-vindos são estes dois animais que nos fizeste chegar.

Dito isto, os príncipes montaram nas selas e, do alto dos seus corcéis, revelaram-se como imponentes fidalgos.

— Adeus, por agora.

Feitas as despedidas, e com o acúleo das esporas sacudindo os lombos das montadas, Trassus e Élpida foram transportados como folhas levadas pelo vento. Num ápice, os dois príncipes de Vírgolo seguiram em direção a norte, desaparecendo assim da vista de Chilsus. E nem ele, nem mais nenhum outro Homni no acampamento, conseguiram destrinçar as formas dos cavaleiros enquanto os raios de sol fumegavam o limiar da terra.

A claridade do meio-dia iluminava o mundo intensamente, mas no ar corria uma aragem vinda do Talcã que amenizava o dia. Nas alturas, somente alguns raros farrapos de nuvens riscavam o azul-celeste, e o Sol, no seu zénite, quente e resplandecente, coloria os campos que se descobriam perante a cavalgada dos príncipes pelos campos. As montadas aceleravam a bom ritmo por uma estrada batida que eles bem conheciam. E os cascos desavergonhados espancavam firmemente o solo duro, provocando um barulho que ensurdecia o assobio constante do vento. A oeste, o terreno elevava-se e afundava-se com colinas e vales sucessivos; e os pequenos outeiros, que emergiam na paisagem como ondas, deixavam-se dominar pelas cores das urzes cujas flores graniam de roxo as suas faces. No lado oposto do caminho, a leste, estendiam-se planas campinas até perder de vista; e para lá do avistável, depois de horas de viagem, meros sussurros oceânicos deixavam antever o sobressalto das ondas do mar Talcã.

Ao final de um dia de galope, animais e Homnis partilhavam o mesmo cansaço, e Trassus decidiu que seria melhor pararem um pouco. O brilho do sol ainda se adivinhava por detrás das montanhas, mas o experiente príncipe sabia como o estio alongava os dias, e como aquela hora adiantada já passava bastante além da ocasião do jantar. Apesar de livres dos seus cavaleiros, Celer e Inciatus não se afastaram muito. Sossegados, os cavalos entretiveram-se a roer as tenras folhas da erva jovem que prosperava na berma do caminho. Sob o lusco-fusco, Élpida aproveitou o conforto do final de dia e sacou de uns dados que um dos soldados lhe emprestara. E enquanto se encostava a uma pedra arredondada, o jovem príncipe demorou o seu tempo a contemplar os movimentos plácidos dos equídeos, ao mesmo tempo que os seus dedos ponderavam na sina que os dados da fortuna lhe reservavam.

— Não te ponhas demasiado à vontade — exclamou Trassus, assim que se aproximou do irmão. — Não está nos meus planos estender

escusadamente estes tempos de repouso. Podes dormir um pouco, se quiseres, mas não te enterres muito fundo no sono.

— De acordo — redarguiu Élpida. — Mas Trassus, por acaso tens alguma ideia do que nos espera em Vírgolo?

— Coisa boa não é certamente.

Os olhos de Trassus perdiam-se pelas curvas ténues da estrada, que se estirava em direção a norte. Na sua mente formulavam-se várias hipóteses e cenários, mas entre esses não se achava nenhum do seu agrado. O príncipe era versado e conhecia bem o pai que tinha. Sabia que para a presença dos filhos do Senhor de Vírgolo ter sido invocada tão urgentemente, ainda para mais em plena campanha, era porque algo não estava certo.

— Mas descansa o teu espírito — continuou. — Seja lá qual for o assunto que tenha levado o pai a enviar o seu braço direito para tão longe, eu estarei ao teu lado para responder por nós dois.

E, de facto, essas palavras deixaram o rapaz mais descansado. Para Élpida, saber que podia contar com a voz experiente do irmão, dava-lhe toda a tranquilidade de que precisava. Sempre assim fora e nada fazia prever que desta vez fosse de outro modo.

Então a noite amena trouxe um sono tranquilo e regenerador ao jovem príncipe. Mas Trassus não teve a mesma sorte, e a quietude das campinas não lhe acalentaram a mente ou os músculos do corpo. Sempre que fechava os olhos, no seu pensamento disseminavam-se pesadelos perturbadores que lhe regelavam a pele e o acordavam de sobressalto. E toda a vez que despertava, agitado, Trassus perscrutava em redor, procurando a sombra de alguma besta ou malfeitor que pudesse ter saltado dos seus sonhos para o mundo. Porém, além das escuras silhuetas dos cavalos na erva, a vista de Trassus nunca discerniu quaisquer outras formas. Desta feita, o príncipe cansou-se da sua situação e não esperou pela aurora para partir; e foi ainda antes do raiar do dia que içou Élpida do chão, ainda meio cambaleante, e preparou os cavalos. Em menos de nada, e naquele hiato entre a noite e o dia, Celer e Inciatus dispararam em direção a norte, ansiosos por devolver a sua carga a casa.

Finas e lustrosas, as crinas dos cavalos esvoaçavam, e o seu correr ecoante transpunha quilómetros e quilómetros de estrada em instantes. Assim os príncipes percorreram uma boa distância antes do sol despontar no longínquo oriente, mas as pistas azuladas que a manhã despoletou nos céus não retardaram a passada das montadas.

Pela segunda vez, o céu mostrou-se limpo e calmo naquele começo de dia, e as estrelas, que até então haviam acompanhado Trassus e Élpida, não demoraram a apagar-se por detrás da fortaleza das colinas. E a luz crescente,

que aos poucos retrazia cor e vida aos campos, deu a conhecer umas altas e afiladas pedras que povoavam a margem do caminho.

— Olha, Trassus! — disse Élpida, com grande espanto. — Olha lá ao longe! Para lá dos brejos. Serão aquelas formas na penedia os Esteios dos Montes? Teremos percorrido assim tamanha distância?

— Sim, teus olhos não te enganam, meu irmão! Deveras impressionante é a distância que conseguimos alcançar em tão pouco tempo. Se outros houvesse que nos acompanhassem, bem que poderiam compor músicas sobre este feito!

Antes da orla da Dryse, caminhando de sul, existiam umas formações rochosas a que os Homnis de Demochóra chamavam os Esteios dos Montes. Enigmáticos, os enormes penedos eram na verdade pilares graníticos que se erguiam perpendicularmente ao solo, tal e qual altíssimas colunas, que sustentam o teto de um gigantesco salão. E os penedos, feitos árvores sem ramos, brotavam do chão, formando um bosque lítico e sem vida. A sua superfície, fria e cinza, cobria-se com um manto de líquenes verdes e amarelos que, acima de tudo, reforçavam a letargia que envolvia aquela região. Contos havia entre os virgolenses sobre aquela zona, onde se referiam a ela como sendo uma área tão carregada de encanto como de desgraça. Todos conhecem, através das memórias daqueles que visitaram os Esteios e de lá regressaram, os sons cavernosos que habitavam por essas bandas; sons recordativos das lamúrias de águas precipitantes, mas cuja torrente nunca ninguém havia avistado. Os viajantes mais experimentados afirmavam que aquilo que se escutava era na verdade o eco do mar: uma réplica do rebrantar das ondas do Talcã, quase a uma centena de quilômetros para leste. Independentemente da razão ou do medo, muitos apelidaram esse fenómeno de Ecos dos Esteios ou Choros das Serras, mas a verdade é que ninguém sabia ao certo a origem desses sons. E a magia dos Esteios dos Montes manter-se-ia por mais uns tempos como um dos mistérios do mundo de Asterend.

Para lá desses campos misteriosos, ao alcance de uma vista aguçada num bom dia, erguia-se o monte Oxyx e, depois dele, mais a norte ainda, acastelavam-se os picos do Olim, torneados por um silvedo impenetrável. Mas essas paisagens moravam apenas no mundo da imaginação, dado que, naquele dia, e da estrada onde os dois irmãos seguiam, não se podia avistar tão longe pelas terras; e nem que uma vista de falcão morasse nas órbitas do jovem príncipe Élpida seria ele capaz de deslindar tais territórios.

Pouco havia passado da hora do meio-dia quando, empurrados por uma cavalgada ligeira, os príncipes transpuseram os Esteios dos Montes. E quando Trassus avistou, por fim, os traços horizontais de um tom verde-escurecido,

a noroeste, já o sol descrevia o seu movimento descendente pelo céu. Sob a luz vespertina que banhava aquele novo local, as copas das árvores dançavam ao toque acariciador que antecede o ocaso; e o príncipe, de ouvido atento ao som das árvores, conseguiu perscrutar a acolhedora música anunciadora do verão. Trassus sabia que estavam próximos da ponte do Seixo do Vencido e que dali a pouco lhes apareceria o vale do rio Cisto. E assim foi. Como previsto, a planície do lado oriental começou a descer numa ladeira, e a campina tornou-se mais densa em arbustos e pequenas árvores. No fundo do vau corria uma forte corrente, e o braço mais meridional do rio fez-se adivinhar nas suas profundezas. Do outro lado da estrada, à sua esquerda, a orla da Floresta Dryse mostrou-se na paisagem, e a muralha de ulmeiros que ladeava o caminho assombrou-lhes os passos.

Os ramos das árvores cobriram-lhes o firmamento, formando uma cúpula que lançava sobre o caminho diversas nódoas de luz dourada. Como que recebendo os príncipes de Vírgolo, dos altos galhos dos ulmeiros choviam tímidas sâmaras que, como indecisas borboletas entregues ao destino, enobreciam o ambiente com a hospitalidade atípica da mãe natureza. Adiante, o vale alargava-se, uma vez que nesse troço o rio transportava mais água, levando a que a vertente oposta se afastasse um pouco mais da estrada. A partir daí o percurso teria de ser feito mais lentamente. O trilho tornava-se mais sinuoso e as curvas e contracurvas levavam os príncipes através de uma estreita berma encostada a um precipício; e, ao passo que à esquerda os troncos das árvores amparavam os viandantes, à direita, coberta de arbustos e estevas, uma enorme ribanceira escabrosa descia, quase vertical, até uma torrente violenta onde uma morte certa esperava.

Cautelosamente, Trassus e Élpida seguiram para norte e depois para leste, dado que, a estrada serpenteava ao sabor do terreno acidentado, seguindo conforme a topologia permitia.

— Ei-la, finalmente! — anunciou Trassus, com manifesto alívio na voz. — A ponte do Seixo do Vencido!

Mais à frente, sob a luz ténue do final de dia, apareceu uma comprida ponte de pedra. Grandiosa, a construção unia as duas margens do vale escarpado. Pesada e robusta como era, a ponte sustentava-se sobre altíssimos arcos que pareciam estar enraizados no fundo do rio Cisto, e o seu tabuleiro, revestido por pedras arredondadas pela lixa do tempo, era estreito como o tronco de um pinheiro. No seu final, na margem oriental do rio, qual bandeira para os recém-chegados, o Seixo do Vencido erguia-se como um preponente menir de granito que, àquela data, não passava de uma recordação solidificada da fronteira do país que era Vírgolo.

Ensinou-nos a lenda virgolense que o Seixo do Vencido assentava precisamente no sítio onde há séculos, aquando das expansões dos Homnis de Demochóra, as tropas de Nicodemus derramaram o último sangue inimigo. Mas, naquele dia extenuante, o grande seixo apenas marcava o ponto a partir do qual Trassus ousava dizer ter chegado a casa. Hoje, o Seixo do Vencido permanece altivo e silente no mesmo lugar: suspenso sobre o vale do Cisto; e suas recordações, crónicas de mitos levados pelas águas desse rio perdido, conservavam-se gravadas na memória do Seixo, apesar de no mundo já existirem poucos capazes de lembrar a sua língua.

Harmoniosos com o coração dos príncipes, os cavalos atravessaram a imponente ponte sobre o Cisto sem vacilar. Os animais comportavam-se como se conhecessem aquele lugar de memória. A aproximação de suas casas serenava-lhes os músculos, aligeirando o embate da passada. A somar à ligeira batida dos cascos sobre as pedras, apenas se ouvia o rugir dos rápidos no fundo do vale. Para trás havia ficado uma grande extensão da floresta; e agora, do Seixo do Vencido em diante, contavam-se os poucos passos que faltavam até às muralhas de Vírgolo.

Foi no ocaso do segundo dia que os príncipes adivinharam o odor das estrumeiras: perceptível marca da aproximação dos campos de uma grande cidade. A trote pouco acelerado, Trassus e Élpida atravessaram os trigais, as pequenas hortas e os pomares que se estendiam nas imediações das muralhas de Vírgolo; e Élpida, com olhos sempre mais atentos às curiosidades nas bermas dos caminhos, demorou o seu olhar nos trabalhadores que ainda não se haviam retirado dos seus ofícios.

— Os deuses vos salvem, ó clementíssimos príncipes! Por cá, nós vos saudamos! — aclamavam as camponesas, à boa moda virgolense, sempre que os filhos dos Senhores de Vírgolo passavam.

— E nós a vós — respondia-lhes Élpida com um sorriso no rosto.

Por outro lado, Trassus não esboçava nenhum sentimento nem ensaiava quaisquer palavras em resposta. Do alto do seu corcel, o herdeiro do trono do Asphethelo mantinha a atenção fincada nas portas de Vírgolo que se iam assomando.

Soaram trompas. Pelo ar, o alarme da chegada dos filhos de Leíandros atingiu os portões meridionais da cidade antes ainda dos nobres os atravessarem. E por sua vez, os guardas, que há muito haviam reconhecido o estatuto de quem se acercava, receberam Trassus e Élpida com vénias e ovações. Então os príncipes cursaram a passo pela praça do templo Canthaval, e o estridor copioso dos cascos ressoou na calçada, despertando a atenção do povo. Percorreram a ponte de pedra, depois de passarem diante de Canthaval, e curvaram nos Jardins de Diodorus em direcção a

norte. Banhado por um luar que se alevantava no firmamento purpúreo, as pedras alvas do Aspethelo reluziam com redobrado vigor. A imponência da fortaleza afligia o peito de Élpida a cada reencontro, as mãos transpiravam sempre que seus olhos reviam a superfície do Castelo Branco. Porém esse mesmo alvor, cálido e majestoso, não reproduzia igual efeito no seu irmão. Enquanto a afronta da majestosidade que um dia poderia ser sua inquietava Élpida, tal destino apenas multiplicava as batidas do coração de Trassus, inundando o sangue do primogénito da Casa de Nypsilós com um orgulho desmedido.

Como era usual na região, a noite chegou acompanhada de um vento fustigador, e os estandartes nas torres do Aspethelo chicotearam o frio do ar no momento em que os cavaleiros transpunham a ponte levadiça em direção ao castelo. Celer e Inciatus foram deixados aos cuidados dos estribeiros; e quando os corcéis se viram no conforto das suas cavaliças, sacudiram as orelhas com enorme satisfação e entregaram seus corpos fumegantes às camas de feno. Já os príncipes precipitaram-se na direção das altas portas do Aspethelo e deram entrada na residência senhorial sem grande cerimónia.

As paredes do Castelo Branco exalavam a lembrança do sol, e o ar no interior do edifício estava mais morno do que o esperado para aquela hora tardia. No salão principal não se passeava ninguém, até que os pajens apareceram. Prontamente, os príncipes receberam deles toda a amabilidade que a circunstância pedia: despiram-nos das suas capas poeirentas e arrumaram as suas armas na armaria, sentaram-nos em altos bancos e trouxeram-lhes duas mesas. Por fim, encheram uma bacia com água limpa para que se pudessem refrescar e de seguida entregaram-lhes jarros de vinho fresco e travessas de pão branco. Apesar do apetite, os herdeiros do trono de Vírgolo não se quiseram demorar muito mais tempo nos espaços comuns e assim que os dois comeram o seu sustento, aceleraram pelos corredores até às portas dos respetivos aposentos. Decididos em entregarem-se ao devido sono, os irmãos desejaram as boas noites um ao outro, transpuseram as portas dos quartos e despejaram seus corpos sobre as camas, onde acabaram por adormecer num instante. Ao fim de dois dias fatídicos, nem os andrajos machucados da viagem foram obstáculo para o sono.

Na manhã seguinte, a pálida aurora recebeu o sol com algumas nuvens volumosas, mas os príncipes de Vírgolo não se incomodaram pelos prenúncios de mau tempo: tomaram o pequeno-almoço numa saleta contígua, e foi lá que lhes chegou o recado de que se deveriam apresentar na Câmara dos Peritos o quanto antes. Sem delongas, Élpida e Trassus deixaram suas refeições e vestiram qualquer coisa apresentável. A Câmara

dos Peritos ficava na ala nordeste, e os príncipes não tencionavam demorar muito mais até lá.

Os dois irmãos voaram pelos corredores do Aspthelo, ainda os claustros no palácio não haviam sentido o afago do sol, e muitos dos Homnis do paço ainda dormiam. E diz quem os avistou que apenas entreviu dois fachos rápidos subir pelas escadarias da torre, feitos relâmpagos silenciosos. No entanto, quando Trassus se deparou com a entrada para a altíssima Câmara dos Peritos, hesitou. Qual não foi o seu espanto ao encontrar, próximo das ombreiras da porta, tal como uma fera enjaulada, um velho estranho deambulando sobre o seu cajado.

Será este o indivíduo a que Chilsus se referiu? — pensou o príncipe.

A barba do velho, ondulante e serena, pingava na direção do chão feito um xaile enorme de neve; e quando os seus olhos se aperceberam da aproximação de Trassus e de Élpida, o seu corpo esticou-se.

— Estávamos à vossa espera — disse o velho, com uma satisfação evidente por debaixo da barba.

— Assim parece — retorquiu Trassus, sem meias medidas. — Mas nós estamos aqui para responder à invocação de nosso pai. Dai-nos licença e deixe-nos entrar.

Sófstes não quis contrariar o fidalgo e afastou-se, descartando quaisquer dicas de resistência.

— Chamai-me Sófstes.

Trassus não deu troco ao ancião enquanto abria as portas da Câmara dos Peritos. Mas Élpida, antes de seguir o irmão para o interior do aposento real, demorou-se uns instantes ao lado do sábio Sófstes e baixou a testa, simulando uma vénia respeitosa.

— Bem-haja, Sófstes — disse o jovem.

— Por nada, bom príncipe.

Desta feita, Trassus entrou na Câmara, seguido por Élpida, e os grossos gonzos que articulavam as portas rangeram de dor quando estas se fecharam nas suas costas.

A Câmara dos Peritos era um aposento vasto e ilustre. Dos maiores em Aspthelo e, por isso, dos maiores a oeste de Lazarina. Sobre o soalho corria uma comprida passadeira verde debruada com fita prateada; ao fundo da qual, antes de uns degraus, repousava uma mesa retangular rodeada por algumas cadeiras adornadas com motivos florais. Mais além, ao cimo da escadaria, havia uma plataforma elevada onde assentavam dois cadeirões como magníficos sólios destinados ao Senhor e à Senhora da cidade de Virgolo. E, ao seu lado, plantada como arbusto anoso, uma credência com um tampo em mármore riscado enraizava-se. Por detrás dos assentos,

subindo a alta parede da câmara, um retábulo gigantesco em madeira, onde estava esculpido em baixo-relevo um notável chafariz ladeado por um leão e uma cocatriz, elevava-se em busca do céu para lá do teto. Teto esse que era todo artesoadado com entalhes minuciosos imitando o emaranhado das copas das árvores, roubando inspiração à arte Aitjém. Porém, um olhar mais arguto conseguiria facilmente decifrar os motivos heroicos do passado e outras lendas célebres dos Homnis que se deixavam revelar pelos corpos gravados entre os entalhamentos das abóbadas. Mais a meio da divisão, pendurados do alto por fortes correntes de ferro negro e frio, suspendiam-se dois assombrosos lustres albergando dezenas de velas. Os pavios não ardiam àquela hora, pois o dia ainda principiava, e a luz acinzentada que esparzia pelas janelas colossais era mais que suficiente para alumiar toda a Câmara dos Peritos.

À mesa, de face iluminada e aparência nobre, um homem imponente, alto e loiro entretinha-se a girar os dedos em redor uns dos outros. Mas assim que o fidalgo presentiu a presença dos dois príncipes, levantou-se e cumprimentou-os com solenidade.

— Os deuses vos salvem! Por cá, eu vos saúdo — exclamou Aurol, de modo apressado, mas audível.

— E vos salvem a vós por igual, ó Delfim Dourado de Stomia — ripostou Trassus.

Élpida não falou.

Num misto de nervosismo e cansaço pela corrida, e à falta de uma resposta conveniente, o jovem príncipe de Virgolo selou os lábios e desceu a face com mesura. Então Trassus e Élpida aproximaram-se da grande mesa no centro da câmara e juntaram-se a Aurol.

O coração de Élpida teimava em não abrandar e isso perturbava-o. Contemplando o modo como o pó se precipitava pelo ar, moderado e lamentoso, joeirando o sol pela atmosfera da ilustre divisão dos seus antepassados, o jovem príncipe enterrava-se num buraco solitário. Na sua mente, Élpida esforçava-se por recordar as regras de etiqueta que lhe haviam ensinado. Até que sentiu o toque da mão de Trassus sobre o seu braço ressuado e aí deu conta de como não estava realmente só.

De súbito, e com um ranger acelerado, uma porta oculta formou-se nos entalhes das tábuas que compunham o retábulo, abrindo-se prontamente. Do seu interior surgiu um patriarca que, galaneando um solene manto esmeralda, lustroso e aveludado, se deslocava a passos largos e pesados pela plataforma. Seus pés ecoavam pelo solo elevado, reverberando por toda a divisão. Sem vacilar, o nobre Homni sentou-se no trono mais à esquerda, e a sua autoridade fez-se sentir em todos os cantos da Câmara dos Peritos.

Sob o braço direito, o nobre transportava um pequeno objeto branco e esferoide que pousou, cuidadosamente, sobre o tampo marmoreado da credência que se achava do seu lado. Só aí é que Élpida se apercebeu que o objeto não era perfeitamente redondo, e que, de facto, se parecia mais com um pote trípode.

Feita a sua entrada, o Senhor voltou o seu semblante severo para os presentes, e a atmosfera da sala encheu-se de veemência. Então, da elevação do seu trono, Leíandros Nypsilós abriu o largo tórax, revelando assim uma pesada gargantilha dourada encrostada de safiras, rubis e esmeraldas; e com as sobranceiras fatigadas pela vigília, falou com uma voz volumosa e grave:

— Obrigado por terem vindo em tão curto prazo. A verdade é que sinto que o tema que vos quero apresentar é iminente.

» Aurol Timés, príncipe de Stomia, da Casa dos Criados que muita riqueza trouxe a Vírgolo e a toda Demochóra, por cá te saúdo. Sê bem-vindo ao Aspethelo e ao meu palácio. Que doravante possas repousar aqui os teus pés fadigados, sempre e por quantas noites eles acharem necessário. Trouxeste-me de Crós valorosa recompensa pela qual só agora te agradeço. Porém, entristece-me a ausência do teu irmão Ptelius. E assim, vejo-me obrigado a tomar a tua palavra pela palavra dos dois.

De seguida, Leíandros virou-se para os seus filhos e, com um sorriso duro esculpido nos lábios, disse:

— Filhos do meu sangue, Trassus, Cavaleiro da Ordem da Cocatriz, e Élpida, benjamim da Casa de Nypsilós, que viestes de tão longe e decerto mereceis respostas, não vos afligis. Invoquei-vos somente para concluir uma simples proposta colocada pelo ancião Sófostes de Canthaval.

Nisto, Élpida voltou a cabeça por cima do ombro esquerdo e pasmou. O velho que haviam avistado lá fora também tinha entrado na câmara. Facto que o deixava ainda mais inquieto, dado que, Élpida tinha a certeza de que mais ninguém atravessara as portas depois dele.

Como sulcos de uma terra arada e esquecida há muitos invernos, as rugas na expressão do ancião, acentuadas pela idade, escureciam com a preocupação. Os seus lábios, finos e semicultos, premiam-se numa linha séria que aparentava encerrar provas de incontáveis efemérides.

— O sábio Sófostes veio até mim há dias, — prosseguiu Leíandros, — e falou-me das criaturas que os príncipes me trouxeram de norte. Falou-me do nome da sua raça e do nome da sua terra, dos seus hábitos e dos seus costumes, do seu temperamento e dos seus dotes, mas mais importante do que isso, falou-me dos maus augúrios que trouxeram na sua língua.

O discurso de Leíandros era sóbrio, mas algo se movimentava na sua boca. Por trás do pedantismo do seu posto, uma inquietação secreta mostrava-se

nas tremuras do queixo. Então Trassus, Élpida e Aurol depositaram o olhar sobre o semblante do Senhor de Vírgolo, e o seu olhar baixou. As paredes pareciam arrefecer agora, e os músculos sob a pele de Élpida arrepiaram-se.

— Não me cabe a mim contar-vos o que vos quero contar — confessou Leíandros, enterrando-se no trono. — Por isso peço-vos, Sófostes de Canthaval, explicai-lhes o mesmo que me explicastes a mim.

Quando o tempo lhe permitia, Sófostes era amante de um vagar teatral que muitas vezes servia apenas para enfurecer os mais novos. E assim, vagarosa, mas intencionalmente, o ancião circundou a mesa. Tomando o seu tempo, o velho escalou as escadas uma a uma até ao topo da plataforma e, apoiando o seu peso centenário no bordão, instalou-se de pé ao lado do trono onde Leíandros o aguardava.

Após a exposição de várias coisas e temas, o discurso do sábio Sófostes culminou naquela estranha noite no porto Akamas. A noite em que se encontrou com os Mellions. Explicou também como os levou para o seu dormitório no templo e enumerou as desventuras de Farend. Contudo, privou-se de partilhar pormenores mais triviais, apesar de ter demonstrado especial cuidado em narrar com minúcia o ataque da hoste de ocidente sobre Mallbolach. Chegado esse ponto, a voz do ancião, contrastando com o cenário de carnificina que era descrito, mostrou-se serena e suave, como se suas palavras não passassem de meras pingas de chuva gotejando gentilmente num mar revoltado. Mas mais do que nas palavras, era nos silêncios que Élpida notava uma maior apreensão nos lábios de Sófostes. Esses silêncios escondidos na barba nívea arrepiavam-lhe a pele. E foi sob esse temor subtil que o jovem príncipe viu o ancião esticar os braços para o vaso trípode, erguê-lo do tampo onde ele descansava e esticá-lo diante do peito.

— Este é um objeto de grande poder — disse Sófostes, por fim. — A Neamhnaid permite saber coisas que de outra forma nenhum mortal poderia saber. A sua génese é divina e, tal como todas as obras dos deuses, é mais antiga que qualquer um de nós. Todavia, ainda desconheço plenamente as suas propriedades. Antevejo que seja preciso recorrer a ela para lançar luz sobre algumas dúvidas que ainda me sobram.

— E então? — interrompeu Trassus, impacientemente. — Por que é que nós estamos aqui? Usai esse vaso à vossa mercê, para que precisais de mim ou do meu irmão?

— Compreendi isto, Trassus Nypsilós: não é através dos meus olhos que poderei encontrar as respostas que procuro. Uma vez que a Neamhnaid apenas me mostra coisas concernentes a mim.

A face do ancião fechava-se sobre si mesma, e a única réstia de claridade era a sua barba que ondulava ao sabor das movimentações do rosto.

— Por isso é que preciso de vós. Ou melhor, de vossos olhos.

— Enigmas de ancianos, tagarelices, contos e agoiros... — irritado, Trassus esbracejava no canto do seu lugar. — É só isto que tendes para me dar ultimamente, meu pai?

— Talvez, — retorquiu Leíandros, — mas se treinásseis vossa língua tanto quanto a vossa espada, então talvez aprendêsseis a usá-la mais oportunamente.

Visivelmente envergonhado, Trassus recolheu-se no assento e trancou a cólera dentro de uns punhos cerrados. O peso do julgamento que antevia nos olhares de Élpida e Aurol repugnava-o.

— Não vos exalteis — prosseguiu Sófostes. — O comentário de vosso filho não teve maldade, Leíandros, e por isso eu desculpo-o.

Do alto do seu sensato porte, o ancião conseguia ler bem os intentos e pensamentos do jovem príncipe.

— De facto eu pedi ao Senhor de Vírgolo para que ele próprio enchesse a Neamhnaid com água e me descrevesse aquilo que ela lhe revelaria — explicou. — Todavia, os olhos de Leíandros apenas viram ouro e riqueza ou pelo menos ele assim mo disse; e tal visão nada me esclareceu sobre as minhas dúvidas.

» Assim, e devido à minha insatisfação, peço-vos agora a vós, Trassus e Élpida, filhos do Senhor de Vírgolo, que procedam da mesma maneira e depois me contem sobre aquilo que virdes na superfície da água.

Apesar de desagradado com os modos interesseiros de Sófostes, Trassus tolerou o pedido do ancião, e assentiu. Levantando-se, o príncipe empurrou o cadeirão com as pernas, subiu o lanço de escadas, duas a duas, e arrastou-se até junto da credência.

— Basta mirar o reflexo de vossos olhos no interior do vaso — reforçou Sófostes. — Aí os poderes da Neamhnaid encarregar-se-ão de vos mostrar as suas maravilhas. Depois, e assim que vossa consciência esteja restituída, contai-me a mim o que vistes.

Pouco convencido, Trassus inclinou-se sobre a trípode que o ancião segurava e espreitou o seu reflexo na água da Neamhnaid. No instante seguinte, o corpo do jovem príncipe ficou mole como um peixe desossado e precipitou-se na direcção do chão. Num movimento rápido e sem largar o vaso, Sófostes foi a tempo de agarrar o príncipe mesmo antes que este tombasse. Mas a surpresa de todo aquele aparato espantou Élpida e Aurol além das suas expectativas e os dois nobres saltaram das cadeiras, boquiabertos.

— Que bruxedo é este?! — vociferou Aurol, com uma voz assustada.

— Não é bruxedo algum, é somente o efeito do poder da Neamhnaid

— esclareceu Sófostes, enquanto sentava o corpo inanimado de Trassus no trono vago da Senhora de Vírgolo.

— Neste momento o príncipe está a viver um sonho extremamente lúcido e nítido — descreveu o ancião. — E será nele que em breve poderemos ler pistas sobre como melhor proceder. Ou pelo menos assim o espero.

Élpida estava embasbacado. Nunca na sua vida testemunhara tal fenómeno; um Homni forte como o seu irmão, um jovem experto e robusto capaz de abater um urso em combate caso fosse preciso, desmaiar assim tão subitamente?

Repentinamente, e tão depressa como adormecera, Trassus despertou com soluços e cuspes, tal como se tivesse sido retirado do fundo de um poço. De novo consciente, o príncipe olhava em todas as direções, ainda afogado na sua incredulidade. Nem que tivesse acordado de um sono de mil anos, poderia o seu esgar apresentar maior confusão.

— Então? O que foi que vistes? — interpelou-o Sófostes, com a mão assente no seu ombro.

— Vi a minha mãe — disse ele. — Estava sozinha e desgostosa num quarto, enquanto bordava uma peça tão longa e branca que mais parecia uma vela de um navio, ou então uma longa mortalha.

— Foi apenas isso que vistes? — insistiu o ancião. — Não terás visto mais nada que vos estejais a esquecer de contar?

Os olhos negros de Sófostes crepitavam no fundo das órbitas, e a Trassus pareceu-lhe ver duas agulhas de diamante a penetrar-lhe o pensamento.

— Não — respondeu o jovem, ofegante. — Foi só isso que vi e nada mais.

Claramente desiludido, mas ainda assim um pouco convencido, Sófostes ajudou o debilitado príncipe a levantar-se, amparando-o enquanto este desceu os primeiros degraus da plataforma. Cambaleante e esmorecido, Trassus dirigiu-se até à mesa pé-ante-pé e entregou o peso do corpo à sua cadeira. Seu espírito estava abatido, e o jovem Homni sentia-se como se tivesse corrido muitas léguas sob um calor abrasador.

— Élpida — disse Sófostes secamente, como se chamasse a presença de alguém numa audiência. — Agora vós.

Ao ouvir o seu nome, o moço estremeceu.

No meio da incerteza, Élpida procurou a aprovação nos olhos do pai. Mas Leíandros estava absorto em assuntos distintos, e o seu pensamento parecia longínquo e mergulhado em perturbações mais antigas.

Suores escorriam pela testa do príncipe, queimando-lhe a vista quando as gotas venciam o sobrolho. À socapa, Élpida cumpliciou um breve olhar com Aurol, mas este não formulou nenhum parecer e limitou-se a acenar com um gesto tímido de incentivo. Assim, e vendo-se tão encurralado como

um pequeno corço numa tapada, o jovem começou a caminhar na direção de Sófostes.

Os pés recusavam-se a obedecer-lhe. Os membros hesitavam sempre que Élpida tentava subir mais um degrau. Cada passo era uma guerra contra a sua vontade; e somente após muito batalhar, lá conseguiu chegar ao topo da plataforma.

Então o ancião ergueu uma jarra cheia de água e, despejando o líquido para o interior da Neamhnaid, encheu-a até pouco acima de meio.

— Não há nada a temer, meu príncipe. São apenas miragens.

Caso lhe perguntassem, Élpida não saberia explicar o que sentia. No entanto, aquelas poucas palavras de Sófostes haviam-lhe chegado aos ouvidos como panos de alguma segurança. Algo que o príncipe ainda não sentira desde que entrara na Câmara dos Peritos. Após suspirar profundamente, o jovem príncipe debruçou-se sobre o vaso, como se fosse mergulhar nele, fitou os seus verdes olhos no reflexo e aguardou por algo que desconhecia.

Súbita e inesperadamente, seu espírito acelerou, e Élpida viu-se rodeado por uma noite de estrelas infinitas. Sentia-se como se voasse sem rumo. Aproximando-se depressa, um véu preto repleto de estrelas tornava-se progressivamente mais visível. Agora, diante dos olhos do príncipe, uma pequena chama ardia em torno de um ponto claro, tal como uma vela de pavio branco ou como um grão de quartzo revestido por uma aura dourada. Foi aí, e sem aviso, que essa pequena imagem começou a tornar-se mais nítida, e Élpida começou a ser capaz de lhe distinguir os traços. Afinal, o ponto branco e distante era na verdade o castelo Aspethelo, e o halo que o rodeava era um mar de chamas líquidas que envolviam as suas muralhas. Aterrorizado, o jovem tentou fugir desse fogo intenso, mas a miragem da trípole teimava em levá-lo na direção do imenso incêndio.

O desespero cercou-o. Élpida escorregava por uma rampa muda e invisível na direção do castelo em chamas e não havia nada que ele pudesse fazer para o evitar. No adarve, inúmeras silhuetas de mulheres e crianças encurraladas agonizavam e bradavam com os braços esticados para os céus, repetindo súplicas silenciosas, como se fossem flores de um jardim condenado ao fogo. Enquanto isso, do lado de fora da fortificação, um corpo viscoso, delgado e coberto de escamas emergia das labaredas. O monstro mostrava-se gigantesco e aterrador. Uma criatura deveras digna dos pesadelos de fim do mundo. Tal como uma serpente titânica, o comprido monstro abraçava o perímetro inteiro da muralha do Aspethelo. E graças à sua boca descomunal, a serpente deleitava-se enquanto repastava com os infelizes que se cruzavam no seu caminho.